

IMIGRANTES DO BRASIL



MEU AVÔ ESPANHOL

João Anzanello Carrascoza

Ilustrações

Alexandre Rampazo

2ª impressão



© 2009 João Anzanello Carrascoza

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico e diagramação
A+ Comunicação

Seção informativa
Sylvia Corrêa

Revisão
Juliana Ferreira da Costa
Alexandra Costa da Fonseca

Imagens
Autvis
Corbis
Getty Images
iStockphoto
Keystone
Memorial do Imigrante
Other Images
Shutterstock

Impressão
Yangraf

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Carrascoza, João Anzanello, 1962-
Meu avô espanhol/ João Anzanello Carrascoza; ilustrações Alexandre
Rampazo. – São Paulo: Panda Books, 2009. 28 pp.
(Imigrantes do Brasil)

ISBN 978-85-7888-011-8

1. Espanhóis – Brasil – Literatura infantojuvenil. 2. Imigrantes – Brasil –
Literatura infantojuvenil. I. Rampazo, Alexandre. II. Título. III. Série.

09-1768

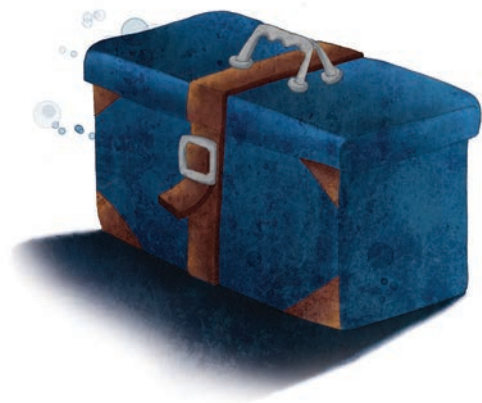
CDD: 305.861
CDU: 314.15-022.324

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
twitter.com/pandabooks
blog.pandabooks.com.br
Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para João e André, que me
sopraram esta história.





CAPÍTULO 1

***De como descobri que as coisas
não são só o que são e o que o pai do meu
pai tem a ver com isso.***

Quase todos os meus amigos têm um avô. Alguns têm até dois. Eu não tenho nenhum. E gostaria de ter. Gostaria de passear com eles. Ir ao parque, ao circo, ao campo de futebol. Gostaria de dar a mão para um e para o outro, assistir a um filme, fazer qualquer coisa juntos. Essa é sempre a parte mais legal: ficar com as pessoas queridas.

O pai de minha mãe morreu quando eu tinha dois anos. Tem umas fotos em que estou em seu colo. Mas eu era pequeno demais e não lembro nada dele.

Já o pai do meu pai, eu nem pude conhecer. Quando nasci, ele já havia morrido. Meu pai fala pouco dele, quase sempre com a voz triste.

Acho que eu iria gostar muito do pai da minha mãe e do pai do meu pai, se tivesse vivido com eles algum tempo.

Mas as coisas são o que são, diz a minha mãe. Uma árvore é uma árvore. Um carro é um carro. Uma bola é uma bola. Se a gente tem uma coisa, a gente tem. Se não temos, não temos e ponto.

Então, como não dá para falar de duas pessoas de uma só vez, quero contar, agora, um pouco da história do pai do meu pai. De umas coisas que descobri dele e de mim mesmo.

E tudo começou porque o meu pai gosta de cantar. Ele tem um bar – que, aliás, era do pai dele –, e passa o dia todo lá, fazendo lanches e servindo bebidas para as pessoas. Quando o bar está vazio, meu pai liga o rádio e canta baixinho as músicas que tocam numa estação que ele gosta.

Uma tarde, depois de fazer a lição, fui ao bar, na parte da frente de nossa casa, e ele estava lá, sozinho, cantando esse trecho de uma música:

*Ouçá-me bem, amor,
Preste atenção,
o mundo é um moinho...*

Era uma canção do Cartola, ele disse ao me ver. Um dos compositores preferidos de seu pai.

Achei engraçado uma pessoa ter o nome igual ao de um chapéu: Cartola. E fiquei pensando um tempão naqueles seus versos. Porque se as coisas eram o que eram, como diz minha mãe, o mundo era o mundo. Mas o tal de Cartola dizia que o mundo era um moinho.